



AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA A COMPREENSÃO DO CONTO

Gislene Aparecida da Silva Barbosa¹

Ana Beatriz Rosa²

Valéria Aparecida Anjos de Moura³

Willian Pereira da Silva⁴

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta de plano de aula para ensino de leitura literária na educação básica a partir de um conto e com o uso das Estratégias de Leitura. Aqui está divulgada parte dos resultados do projeto de pesquisa “As Estratégias de Leitura para a Compreensão do Conto”, desenvolvido junto ao curso de Letras da UNOESTE, entre os anos de 2018 e 2019, o qual se sustentou na perspectiva dialógica da linguagem como forma ou processo de interação e que objetivou a elaboração de atividades de compreensão leitora ancoradas nas Estratégias de Leitura de Girotto e Souza (2010): conhecimentos prévios; conexões; visualização; questionamento; inferência; sumarização e síntese. Com base no conto “A cartomante”, de Machado de Assis, o projeto, por meio da metodologia de análise documental, permitiu a construção de uma proposta de atividades para o desenvolvimento de leitores no Ensino Médio que dialoguem com o texto, favorecendo, portanto, o Letramento dos alunos da escola básica, bem como possibilitando experiências relevantes na formação inicial do futuro professor de língua materna.

Palavras-chave: Estratégias de leitura. Conto. Letramento.

ABSTRACT: This article presents a proposal for a lesson plan for teaching literary reading in basic education based on a tale and using Reading Strategies. Here is part of the results of the research project “The Reading Strategies for the Tale Understanding”, developed within the course of Languages of UNOESTE, between 2018 and 2019, which was based on the dialogical perspective of language as a form or process of interaction that aimed to elaborate reading comprehension activities anchored in the Reading Strategies of Girotto and Souza (2010): previous knowledge; connections; visualization; questioning; inference; summarization and synthesis. Based on the tale “A Cartomante” by Machado de Assis, the project, through the documental analysis methodology, allowed the construction of a proposal of activities for the development of readers in high school that dialogue with the text, thus favoring the literacy of elementary school students, as well as enabling relevant experiences in the initial formation of the future mother tongue teacher.

Keywords: Reading Strategies. Tale. Literacy.

¹Licenciada em Letras e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP), professora de Língua Portuguesa no curso de Letras na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), membro do grupo de pesquisa "Formação de professores e as relações entre as práticas educativas em leituras, literatura e avaliação do texto literário", na FCT - UNESP. E-mail: barbosagislene@gmail.com

² Graduanda em Letras pela UNOESTE e professora de Língua Inglesa pela Wizard Brasil. E-mail: bia.rosa82@gmail.com

³ Licenciada em Letras pela UNOESTE. E-mail: valeriadosanjos1@hotmail.com

⁴ Licenciado em Letras pela UNOESTE e redator de textos comerciais na e-commerce FutFanatics. E-mail: willdideus_2015@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Resultados de avaliações de leitura - como, por exemplo, do PISA 2015⁵ (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), aplicado em alunos de 15 anos, com foco em matemática, leitura e ciências - evidenciaram que a população brasileira tem dificuldade com a compreensão de texto. O brasileiro ficou bem abaixo em todos os níveis avaliados, em leitura a pontuação foi de 407, enquanto a média de outros países foi 493 pontos. Esses números evidenciam que o país não está avançando na melhoria da compreensão leitora dos alunos, tendo em vista que os mesmos vivem em uma sociedade grafocêntrica, onde é comum a convivência cotidiana com a leitura. Saber ler deixa, portanto, de se referir apenas ao domínio do código e passa a se referir à necessidade do desenvolvimento de um estado ou condição, no qual o indivíduo assume a postura de interlocutor e participa ativamente das diversas práticas de leitura na sociedade.

Contudo, mais do que ser capaz de decodificar elementos gráficos, o cidadão do presente século tem de ser capaz de interagir com a língua, utilizando a linguagem para o sucesso nas relações sociais, para compreender as distintas situações a que se expõe e interagir com elas, construindo sentidos e ressignificando a vida. Assim sendo, de acordo com a concepção de linguagem como forma ou processo de interação não basta apenas o domínio do código linguístico e de suas regras, pois o enfoque deve estar nos usuários da língua que interagem não só com base em regras linguísticas internalizadas, mas também inseridos em um contexto histórico e social. “O indivíduo, ao fazer uso da língua, não apenas exterioriza o seu pensamento, não somente transmite informações; na verdade, mais do que isso, realiza ações, age, atua, orientado por determinada finalidade, sobre o outro” (CURADO, 2004, p. 19). O Letramento, assim, vincula-se ao

[...] que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o

⁵ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/acoes-internacionais/pisa/resultados>. Acesso em 20 mai. 2019.

conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2002, p. 72).

Minimamente, ler é saber decodificar, interpretar e compreender o que foi lido, ou seja, é um ato de construção de sentido:

Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa... uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal... Assim: ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum. (SOARES, 2002, p. 48).

Conforme Teresa Colomer

Ler, mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura. (COLOMER, 2002, p. 31-32).

De acordo com Koch (2002), na linguagem como forma ou processo de interação, o sujeito é entendido como uma entidade psicossocial, pois é social, histórico e ideologicamente situado. Assim, o texto passa a ser o lugar de interação entre os sujeitos, portanto, o sentido não está dado e pronto, mas em constante construção na relação sujeito-texto e texto-sujeito, ambas as relações vinculadas ao contexto de produção textual. Trabalhar com contos na escola básica é uma rica oportunidade de desenvolver o letramento dos alunos, já que a ação de contar histórias, de organizar sequências lógicas, de articular ideias etc. é necessária à vida cotidiana e precisa ser aprendida na escola. Por isso, é essencial que alunos da licenciatura em Letras aprendam a construir atividades de leitura, para que possam estar, como futuros professores, em condições de ministrar aulas que ajudem a reverter a baixa compreensão textual do brasileiro. O gênero textual conto é um texto predominantemente narrativo, literário, breve, geralmente com poucos personagens, um narrador, tempo e espaço determinados. No conto um conflito se

constrói e, ao final, é resolvido. Para Gotlib (2006, p. 63), o conto é uma forma breve e nele não deve sobrar nada, é um texto enxuto. Na definição de Costa (2009, p. 75) é importante contrapor o conto a outros textos narrativos:

Conto: assim como a novela e o romance são do tipo narrativo, assim também o conto literário o é. Em contraste com o romance, que geralmente é mais longo, o conto é mais curto, isto é, de configuração material narrativa pouco extensa, historicamente verificável. Essa característica de síntese traz outras: número reduzido de personagens ou tipos; esquema temporal e ambiental econômico, muitas vezes, restrito; uma ou poucas ações, concentrando os eventos e não permitindo intrigas secundárias como no romance ou na novela e uma unidade de técnica e de tom (fracção dramática, sedutora, em que tempo, espaço e personagem se fundem, muitas vezes) que o romance não mantém.

As Estratégias de Leitura são procedimentos aplicáveis a qualquer situação de leitura ou gênero textual. Compreender, interagindo com os textos, é um processo complexo que requer o desenvolvimento de “intimidade” entre o leitor e o texto. Esta proximidade entre o leitor e o texto pode ser conquistada pela ativação de conhecimentos que o leitor já possui e que é capaz de reconhecer no texto lido, articulando o já sabido ao elemento novo e (re)construindo sentidos. De acordo com Girotto e Souza (2010, p. 50), a compreensão de um texto não se dá apenas no final da leitura, mas também durante a leitura. O uso intencional das Estratégias de Leitura favorece o desenvolvimento da compreensão. Tendo em vista que o ensino de Literatura é responsabilidade da disciplina de Língua Portuguesa, foi elaborado um plano de aula sugestivo para a educação básica (com ênfase no ensino médio), aplicando as Estratégias de Leitura ao conto “A cartomante”, de Machado de Assis, sempre justificando por que o procedimento aplicado ao texto colabora no desenvolvimento de leitores proficientes, pois se acredita que trabalhar com contos ajuda na formação literária do graduando e, conseqüentemente, do aluno da escola básica.

AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As Estratégias de Leitura são procedimentos que o leitor fluente usa para interagir com os diferentes gêneros textuais com o objetivo de compreendê-los. São ações cognitivas, feitas intencionalmente, após o estabelecimento de objetivos de leitura e mediante a ativação de conhecimentos prévios. Elas envolvem o estabelecimento de diálogos entre os saberes já construídos com os novos; a realização de imagens mentais; a construção de deduções; a relação entre ideias; a elaboração de sínteses etc.

Um leitor capaz de compreender os significados do texto realiza um complexo exercício cognitivo quando lê. Sua compreensão advém das paráfrases que realiza, motivadas pela projeção de imagens mentais conforme lê. Algumas vezes, as deduções são evolutivas, ou seja, o leitor as constrói gradativamente, enquanto aprofunda a leitura. Esse movimento do leitor é ativo, relaciona ideias do texto com seu conhecimento prévio, constrói imagens, provoca sumarizações, mobilizando várias estratégias de leitura. Assim, a atribuição consciente de significados ao texto faz parte do movimento de formar o leitor autônomo. (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 51).

Sustentadas na concepção de Letramento Ativo, as pesquisadoras brasileiras defendem que é preciso entender a leitura como uma construção, como uma ação, pois o sentido do texto não está pronto; ele, na verdade, surge no processo de interação leitor-texto. São os pensamentos, os conhecimentos e as experiências do leitor em atividade com o texto que darão origem ao sentido textual. Dessa maneira, todo leitor é, em parte, um autor, porque elabora o sentido do texto. Nesse sentido, também comentam Koch e Elias (2006, p. 11):

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Giroto e Souza (2010) apresentam 7 Estratégias de Leitura para a compreensão do texto ⁶ : conhecimento prévio, conexões, visualização, inferência, questionamento,

⁶ As autoras brasileiras amparam-se nas seis estratégias indicadas por Harvey e Goudvis (2008, p. 10-11, tradução nossa): fazendo a conexão entre conhecimento prévio e o texto; fazendo perguntas; visualizando;

sumarização e síntese. Girotto e Souza (2010) destacam que todo ato de leitura precisa ter objetivo, uma vez que este influenciará as decisões que o leitor tomará enquanto lê. O objetivo de leitura definirá quais procedimentos serão realizados e com qual finalidade.

Um bom leitor não mergulha num livro do começo ao fim sem antes saber o que quer do texto (aprender algo, recolher alguma informação, pesquisar algum tópico para o dever escolar, entre outras finalidades). O aluno folheia o livro lendo partes, essa atividade revela informações sobre o conteúdo, a estrutura da história, a localização dos elementos mais importantes e, principalmente, se o texto é pertinente diante dos objetivos do leitor. (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 50).

Diante dos objetivos de leitura, o leitor ativa seus conhecimentos prévios relacionados ao texto que lerá. Essa é, segundo Santos e Souza (2011, p. 30), “a base para outras estratégias de leitura, porque o leitor não consegue entender o que está lendo sem pensar naquilo que já conhece”. Pode-se dizer que o conhecimento prévio é considerado, na abordagem teórica sobre a qual se discorre, elemento primordial da construção do sentido. Nessa esfera de reflexão, Girotto e Souza (2010, p. 50) assinalam que:

Antes de ler, bons leitores geralmente ativam conhecimentos prévios que podem então ser relacionados às ideias do texto. O exercício de ativar essas informações interfere, diretamente, na compreensão durante a leitura. Folhear o livro passando rapidamente os olhos pela narrativa na pré-leitura, geralmente, resulta na formulação de hipóteses baseadas no conhecimento prévio do leitor sobre o que trata e como trata a história.

Girotto e Souza (2010) valorizam a ativação de conhecimento prévio e a realização de previsões sobre a história e a criação de perguntas para o texto, porém as últimas autoras avançam no sentido de oferecer propostas para a atuação em sala de aula, caso os alunos não tenham desenvolvido autonomia e fluência na leitura. Para uma ação com o conhecimento prévio, Santos e Souza (2011, p. 66) destacam a realização de perguntas: “o

construindo inferências; determinando ideias importantes; sintetizando informações (*making connection between prior knowledge and the text; asking questions; visualizing; drawing iferences; determining important ideias; synthesizing information*).

que eu já sei sobre a história a ser lida?” e “o que eu quero saber sobre o que irei ler?”, pois é isso que leitores fluentes fazem quando iniciam uma atividade de leitura. Dessa maneira,

Os leitores vão além do sentido literal da história ou texto. Um leitor que entende pode perceber a mensagem em uma história folclórica, formar uma nova opinião de um editorial, desenvolver um entendimento mais profundo de problemas quando ler um artigo. Adquirir informação nos permite ganhar conhecimento sobre o mundo e nossa relação com ele. Nós edificamos nosso armazém de conhecimentos não para o seu próprio bem, mas para desenvolver o insight (compreensão/solução). Com o insight, nós pensamos mais profundamente e criticamente. Nós indagamos, interpretamos e avaliamos o que lemos. (HARVEY; GOUDVIS, 2008, p. 9, tradução nossa⁷).

Uma segunda estratégia é a conexão, a qual consiste em o leitor estabelecer relações entre o texto lido e suas experiências de vida. As conexões podem ser de três tipos: conexão texto-leitor; conexão texto-texto; conexão texto-mundo. As conexões texto-leitor acontecem quando alguma informação ou trecho do texto lido faz o leitor se lembrar de algo que ele viveu. As conexões texto-texto ocorrem quando o leitor reconhece, no texto que está lendo, semelhanças (temáticas, estruturais ou de situações/enredo/personagens) com algum outro texto já lido. As conexões texto-mundo se manifestam quando o leitor identifica semelhanças entre o texto que é lido e acontecimentos da sociedade, um acontecimento mais global. Sobre esse estabelecimento de conexões, Girotto e Souza (2010, p. 67) completam:

Fazer conexões com as experiências pessoais facilita o entendimento. As vivências e conhecimentos prévios dos leitores abastecem as conexões que fazem. Livros, discussões, boletins de notícias, revistas, internet e até mesmo as conversas informais criam conexões que levam a novos insights. Ensinar as crianças a ativar seus conhecimentos prévios, bem como seus conhecimentos textuais, e pensar sobre suas conexões é fundamental para compreensão.

⁷ “The readers go beyond the literal meaning of a story or text. A reader who understands may glean the message in a folk tale, form a new opinion from an editorial, develop a deeper understanding of issues when reading a feature article. Acquiring information allows us to gain knowledge about the world and ourselves in relation to it. We build up our store of knowledge not so much for its own sake but in order to develop insight. With insight, we think more deeply and critically. We question, interpret, and evaluate what we read”.

Leitores fluentes fazem conexões mentalmente, como se conversassem com o texto que está sendo lido. Quando os alunos não conseguem fazer isso “naturalmente”, são possíveis intervenções em sala de aula, Girotto e Souza (2010, p. 71-74) sugerem a utilização de uma “folha do pensar”, na qual o leitor poderá anotar as conexões que fez durante a leitura do texto. Uma terceira estratégia é a visualização, que tem como objetivo central a criação de imagens mentais pelo leitor. Quando o leitor imagina o que está lendo, está ativando seus conhecimentos prévios e criando a história em sua mente, atribuindo a ela um sentido. Leitores que visualizam, enquanto leem, conseguem se lembrar mais do texto lido. Girotto e Souza (2010, p. 85) apontam que: “Quando os leitores visualizam, elaboram significados ao criar imagens mentais, porque criam cenários e figuras em suas mentes enquanto leem, fazendo com que se eleve o nível de interesse e a atenção seja mantida”.

De acordo com Cosson (2014, p. 117), “uma forma de visualizar é verificar no texto palavras e expressões que remetem aos sentidos ou como as descrições são transformadas em imagens pelo leitor”. Uma quarta estratégia é a inferência, que significa chegar a uma conclusão lógica a partir de pistas que estão no texto: “O leitor, ao inferir, ultrapassa o sentido literal do que está lendo e encontra o que não está explícito, compreendendo o implícito, as entrelinhas do texto” (SANTOS; SOUZA, 2011, p. 32). Uma das possibilidades de utilização da inferência consiste em construir o sentido de um vocábulo a partir da análise do seu contexto de utilização. Também sugestão das autoras é fazer inferência a partir de imagens disponíveis em diferentes gêneros textuais:

Leitores inferem quando utilizam o que já sabem, seus conhecimentos prévios e estabelecem relações com as dicas do texto para chegar a uma conclusão, tentar adivinhar um tema, deduzir um resultado, chegar a uma grande ideia etc. Se os leitores não inferem, então não entendem a essência do texto que leem. Às vezes, as perguntas do leitor só são respondidas por meio de uma inferência. Quanto mais informações os leitores adquirem, mais sensata a inferência que fazem. (GIROTTO; SOUZA, 2010, p. 76).

Outra estratégia é a do questionamento ou perguntas ao texto. Ela consiste na relação que o leitor estabelece com o texto durante a leitura, fazendo perguntas que ajudam a entender a história:

As perguntas são o coração do ensino e da aprendizagem. Os seres humanos são levados a dar sentido ao seu mundo. Perguntas abrem as portas para a compreensão [...]. Questionar é a estratégia que impulsiona os leitores para a frente. Quando os leitores têm perguntas, eles são menos propensos a abandonar o texto. Os leitores proficientes fazem perguntas antes, durante e depois de ler. Eles questionam o conteúdo, o autor, os eventos, as questões e as ideias no texto. (HARVEY; GOUDVIS, 2008, p. 22, tradução nossa⁸).

As perguntas são criadas e usadas pelo leitor experiente no processo de construção do sentido. Quando o leitor não vai fazendo questões ao texto, corre-se o risco de a interação não ocorrer e de a compreensão não se efetivar. Considerando o professor como mediador de leitura, cabe a ele mostrar aos alunos, enquanto lê o texto, exemplos de perguntas para entender/construir o sentido. A estratégia questionamento ou perguntas ao texto também pode ser utilizada no momento depois da leitura, dando a oportunidade de ampliação da compreensão do estudante:

Bons leitores estão sempre lendo em voz alta e fazendo perguntas ao material de leitura, uma ação que pode ajudar a explicar alguns aspectos confusos da narrativa, a encontrar respostas, a solucionar problemas e a localizar informações específicas no texto. A estratégia de fazer perguntas ao escrito ainda induz o leitor à pesquisa. (SANTOS; SOUZA, 2011, p. 33).

Uma sexta estratégia é a sumarização, que consiste na identificação das partes ou ideias mais relevantes do texto. Quando o leitor compreende a estrutura do texto, ele consegue identificar as partes essenciais do que leu. Portanto, ter domínio dos elementos da narrativa ou da estrutura do parágrafo em textos informativos, por exemplo, ajuda a priorizar o que é mais importante em cada texto. As autoras sugerem o trabalho com o grifo, o uso de anotações às margens do texto ou o uso de blocos de notas para parafrasear a informação:

⁸ “Questions are at the heart of teaching and learning. Human beings are driven to make sense of their world. Questions open the doors to understanding [...]. Questioning is the strategy that propels readers forward. When readers have questions, they are less likely to abandon the text. Proficient readers ask questions before, during, and after reading. They question the content, the author, the events, the issues, and the ideas in the text”.

Sumarizar é aprender a determinar a importância, é buscar a essência do texto. Preferimos pensar que os dias de sublinhar e checar a ideia principal acabaram. Infelizmente, exercícios de compreensão e questões nas provas ainda exigem que os leitores escolham uma ideia principal [...], aquilo que determinamos ser importante em um texto depende de nosso propósito em lê-lo. Quando o leitor lê ficção, está focado nas ações das personagens, motivos e problemas que contribuem para o tema. (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 93).

A última estratégia é a síntese, a qual está intimamente relacionada a um processo de produção textual, uma vez que sintetizar consiste em apresentar um resumo do texto acrescido de uma visão pessoal. Na síntese, o leitor autônomo manifesta sua apreciação acerca do texto, tem a oportunidade de explicitar o seu pensamento:

Os leitores, ao sintetizarem a informação, enxergam uma figura maior, eles não estão simplesmente se lembrando dos fatos ou repetindo-os. Antes, acrescentam a nova informação aos conhecimentos já existentes. Algumas vezes, adicionam novas informações para o aprimoramento do conhecimento prévio, desenvolvendo o pensar e aprendendo mais durante o processo. Outras vezes, mudam o seu pensar baseado em suas leituras, ganhando uma perspectiva inteiramente nova, por isso, quando sintetizam, as crianças alcançam um entendimento mais completo do texto. (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 103).

Nessa linha, Harvey e Goudvis (2008, p. 25, tradução nossa⁹) consideram que:

À medida que os leitores se movem através do texto, seu pensamento evolui. Eles acrescentam novas informações ao que já sabem e constroem o significado à medida que seguem a leitura. Sintetizar requer dos leitores a triagem através de grandes quantidades de informações para extrair ideias essenciais e combiná-las para formar uma imagem geral do que foi lido, para obter o essencial. Como os leitores destilam texto em algumas ideias importantes ou conceitos maiores, eles podem formar uma perspectiva particular que leva a uma nova visão. Sintetizar é a estratégia que permite aos leitores mudar seu pensamento.

⁹ “As readers move through text, their thinking evolves. They add new information to what they already know and construct meaning as they go. Synthesizing requires readers to sift and sort through large amounts of information to extract essential ideas and combine these to form an overall picture of what has been read, to get the gist. As readers distill text into a few important ideas or larger concepts, they might form a particular perspective that leads to new insight. Synthesizing is the strategy that allows readers to change their thinking”.

As Estratégias de Leitura, portanto, são procedimentos que o leitor usa para dialogar com o texto de forma intencional, num processo de metacognição e desenvolvimento da interação. Elas favorecem o ensino da leitura literária e a ampliação do Letramento dos leitores, à medida que dão condições de elaboração de atividades escolares que extrapolem o meramente explícito no texto e valorizem os saberes prévios do leitor. Utilizar as Estratégias de Leitura na compreensão de contos no Ensino Médio coloca o foco das aulas na dialogia e não exclusivamente na história de escolas literárias.

“A CARTOMANTE”, DE MACHADO DE ASSIS

O conto “A Cartomante” teve sua publicação original no ano de 1875 e foi escrito por Machado de Assis, considerado o maior nome da literatura no Brasil. A narrativa gira em torno do triângulo amoroso vivido por Rita, Vilela e Camilo e pela atuação da misteriosa cartomante. A obra relata uma história de amor alimentada por crenças e desejos proibidos, e esse conto também mostra a eloquência; a intertextualidade; a mesquinhez social; o adultério; amores proibidos tão bem apresentados por Machado em suas obras.

A história se inicia com Rita que, preocupada com seu relacionamento Vilela, resolve consultar, às escondidas, uma cartomante. Apaixonada por Camilo, amigo de infância do marido, Rita teme pelos relacionamentos correrem em paralelo. Camilo ainda zomba da atitude da amante, pois não acredita em nenhuma superstição. Rita, Vilela e Camilo eram bastante próximos, especialmente após a morte da mãe de Camilo. Rita, quando conseguia escapar da casa, ia encontrar o amante às ocultas, na Rua dos Barbons. O real problema aparece quando Camilo recebe cartas anônimas de alguém que revela ter conhecimento da relação extraconjugal. Este, sem saber como reagir, se afasta de Vilela, que estranha o desaparecimento súbito do amigo.

Desesperado, após receber um bilhete de Vilela convocando-o para um encontro em sua casa, Camilo recupera as antigas crenças herdadas da mãe e, assim como Rita, segue em busca da cartomante. Após a consulta, Camilo se acalma e vai, tranquilo, encontrar o amigo, crente que o caso não havia sido descoberto. A reviravolta do conto se dá no último parágrafo, quando se revela o final trágico do casal de amantes: ao adentrar a casa de

Vilela, Camilo se depara com Rita assassinada, e toma dois tiros do amigo de infância, também caindo morto no chão. O enredo de “A cartomante”, dessa forma, obedece à estrutura tradicional da narrativa, sendo assim composto por exposição, conflito, clímax e desfecho. Ao analisar determinada história, é possível identificar a presença de um narrador com foco narrativo em terceira pessoa, que conhece todas as características e sentimentos dos personagens, conforme pode ser visto a partir do trecho a seguir:

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. (ASSIS, 2015, p. 6).

A presença de tal foco narrativo dá ao leitor do texto uma perspectiva psicológica acerca dos personagens, pois há um mergulho nos pensamentos e sensações deles. Além disso, permite ao leitor um reconhecimento da humanidade dos personagens, suas coragens e frustrações, fato este que colabora na verossimilhança e envolve o leitor na história, causando-lhe uma tensão, um arrebatamento para a história.

Com relação ao elemento tempo, há traços característicos do tempo cronológico, que segundo Gancho (1991), é quando os fatos do enredo são transcorridos de forma natural, podendo ser mensurável em horas, dias, meses etc., conforme é possível verificar no seguinte trecho do conto: “Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai...” (Assis, 2015, p. 7). Tal tempo cria no leitor a expectativa de desenvolvimento da cena “ao vivo”, como se tudo estivesse acontecendo naquele momento em que a leitura se faz. O enredo acontece a partir de um espaço social, no qual predominam elementos urbanos, há, portanto um ambiente da sociedade carioca do século XIX:

A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante. (ASSIS, 2015, p. 6).

O ambiente aponta indícios ao leitor de que a sociedade consultava cartomantes para aliviar suas tensões diárias ou descobrir o futuro, já que tal vidente tinha uma casa para atender seus clientes. Além disso, outras pessoas colaboravam para que encontros amorosos não convencionais acontecessem, como o empréstimo de casa para encontro dos amantes. A relação do casal Rita e Vilela, embora aparentasse ser comum e bem sucedida, já que ambos eram jovens e ele provedor e bem empregado, era na verdade uma situação de infelicidade, que ocasionou a traição entre amigos e levou ao adultério da mulher. Em “A cartomante”, logo de início, pode-se identificar a exposição, que segundo Gancho (1991), é o momento em que se definem os personagens, o tempo e o espaço. Nesse sentido, o leitor consegue analisar brevemente quem é Camilo, Rita e Vilela:

Uniram-se os três, a convivência trouxe intimidade e fez com que Rita se aproximasse de Camilo após a morte de sua mãe. Certo dia, no aniversário deste, Rita lhe entregou um bilhete escrito a lápis que apresentava palavras vulgares. O conteúdo deste fez com que Camilo apreciasse mais um simples papel, do que um presente caro dado por seu melhor amigo. (ASSIS, 2015, p. 8).

Daí em diante, percebe-se que a complicação da história ganha força, quando os conflitos surgem, e é nesse momento que Camilo e Rita passam a se encontrar às escondidas para sua louca e arrebatadora paixão. Esse amor tornou-se abalado quando uma carta anônima se encarregou de preocupar os jovens apaixonados, fazendo com que Camilo decidisse não frequentar mais a casa de Vilela. Com o tempo, o marido de Rita tornou-se um ser sombrio e de poucas palavras, fazendo com que sua esposa temesse o pior. Os amantes, então, decidiram se separar por algumas semanas para acalmar as suspeitas.

O clímax se instaura no momento de maior tensão, ou seja, quando Camilo recebe um bilhete escrito por Vilela que dizia: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora” (Assis, 2015, p. 11). Inquieto e nervoso, Camilo não parava de repetir em sua mente, durante o trajeto, a frase exposta no bilhete. No meio do caminho, deparou-se com um acidente que o impediu de seguir viagem. Ao seu lado, a suposta casa da cartomante chamara sua atenção, fazendo com que ele se dirigisse para o interior da casa. Lá dentro, fora recebido por uma mulher de 40 anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos

sonsos e agudos, que começa a convencê-lo de que Vilela ignorava uma suposta traição, e que Camilo poderia ficar calmo, pois nada aconteceria a um nem a outro. Este saiu de lá com sua paz de espírito restaurada e seguiu em direção à casa do amigo. A cena citada antecede o momento em que se dá o desfecho da história, que é quando Camilo chega à casa de Vilela e, ao entrar numa sala silenciosa, vê Rita morta e ensanguentada no chão. Vilela então, pegando Camilo pela gola, com dois tiros de revólver, tira a vida do amante, pondo fim à história de amor dos jovens apaixonados.

Os personagens Rita, Vilela e Camilo possuem grande número de atributos e informações. Rita, aos trinta anos, é descrita como uma dama formosa, meio ingênua por acreditar em cartomantes, mas viva nos gestos, com olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Ela é casada com Vilela e amante de Camilo, amigo de infância do marido. Trata-se de uma típica mulher da sociedade burguesa, que mantém um casamento de aparências e cumpre o seu papel social de esposa apesar de estar em um casamento que não a faz feliz. Vilela era magistrado, abre um escritório de advocacia no Rio de Janeiro. Tem vinte e nove anos e vive em uma casa em Botafogo. É casado com Rita e cumpre aquilo que é esperado de um homem burguês: provedor, tem um bom emprego e ostenta uma bela mulher. Camilo é funcionário público de vinte e seis anos. Não seguiu o desejo do pai, que queria vê-lo médico. Tem como amigo de infância o advogado Vilela e acaba se apaixonando por Rita, a mulher do melhor amigo, com quem desenvolve um amor sensacional. Por outro lado, a personagem apresentada como a cartomante é um tipo, ou seja, é uma personagem reconhecida por características típicas, invariáveis, quer sejam elas econômicas ou de qualquer outra ordem. A cartomante é uma mulher com cerca de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos, descritos como sonsos e agudos. A cartomante era tida por Rita - e depois por Camilo - como uma espécie de oráculo capaz de adivinhar o futuro, mas na prática não conseguiu prever os acontecimentos trágicos que resultariam do caso extraconjugal.

Com base nas considerações de Gancho (1991), é possível identificar Rita e Camilo como os personagens protagonistas que vivem o sonho do amor romântico acima de tudo e que tentam superar as limitações e imposições sociais com esconderijos para o amor e consulta à cartomante para apaziguar o medo de serem descobertos. Já Vilela é o

antagonista, personagem que se mostra como o obstáculo ao amor de Rita e Camilo, já que a mulher é esposa de Vilela e este mata o casal. A cartomante, por sua vez, é um personagem sem nome, que aparece algumas vezes na narrativa, não apresenta particularidades que a distingam de outras cartomantes, portanto, é um personagem secundário e atua como um apoio emocional aos amantes. No entanto, ainda que pareça despreziosa, a cartomante, ao dizer nas consultas a Rita que tudo sairia bem e ao acalmar Camilo na ocasião em que este iria encontrar o amigo traído, a cartomante colabora também com o antagonista, pois “autoriza” o casal apaixonado a comparecer ao local onde o assassinato aconteceria.

UMA SUGESTÃO DE PLANO DE AULA A PARTIR DO CONTO “A CARTOMANTE” – PARA TURMAS DE ENSINO MÉDIO

MOMENTO ANTES DA LEITURA:

Ao trabalhar o conto em sala de aula, uma Estratégia de Leitura a ser usada, antes da leitura propriamente dita, é a do conhecimento prévio, a partir da qual o discente ativará o que já sabe, trabalhando com imagens que remetem ao título do conto, por exemplo. O professor poderá levar para a sala de aula uma imagem de uma cartomante ou se fantasiar de cartomante, para que os alunos possam observar as características desse tipo e levantar tudo o que sabem sobre o trabalho e a postura desse personagem. Esse momento é de interação entre aluno e professor, ou seja, o docente deve perguntar se algum aluno tem conhecimento sobre essa cultura e pedir para a turma levantar hipóteses sobre o que possivelmente encontrará no texto que apresenta como título o sintagma nominal “A cartomante”. É interessante registrar na lousa todas as ideias da turma, para que ao longo da leitura possam confirmar o que pensaram ou refutar as primeiras impressões.

MOMENTO DURANTE A LEITURA:

Para o momento durante a leitura, convém que a leitura seja feita por todos ao mesmo tempo, permitindo assim uma interação e a construção coletiva de ideias que favoreçam a compreensão textual. Assim, a leitura em voz alta pelo professor é uma possibilidade significativa de atuação. Exemplares da obra nas mãos dos alunos para que todos, ainda que estejam organizados em duplas ou trios, possam ler o texto. O momento durante a leitura não pode se restringir apenas à leitura em voz alta como se a oralização fosse a garantia de compreensão textual, na verdade, são as paradas ao longo da leitura, as reflexões da turma, as perguntas feitas pelo docente que vão sustentar a dialogia texto-leitor. O que se faz enquanto se lê é a essência para a aprendizagem. Portanto, é interessante que os discentes possam fazer conexões que existam entre o aluno e o texto, entre o texto e outros textos e entre o texto e o mundo, pois isso irá facilitar o entendimento. É interessante, também, que eles façam visualizações, ou seja, elaborem significados ao criarem imagens mentais, partindo das descrições dadas pelo docente sobre os traços característicos, atitudes, personagens, elementos físicos presentes na narrativa, entre outros, para que o nível de interesse e a atenção sejam mantidos.

Para as conexões, paradas estratégias na leitura podem acontecer já no início do conto, quando há uma citação de Shakespeare. O docente, por exemplo, pode perguntar: “Alguém já leu ou ouviu falar sobre a obra Hamlet? Por que esta citação faz a abertura da obra de Machado?”. Espera-se que os alunos comentem sobre a conexão texto-texto e mencionem o contexto de mistério presente em ambas as produções. Caso nenhum aluno comente sobre isso, é interessante que o professor faça uma breve apreciação, sem adiantar o conteúdo do conto que ainda está sendo lido. Outra conexão pode ser instigada quando Camilo, a caminho do encontro com Vilela, faz uma visita à casa da cartomante. Uma pergunta como “Alguém já sentiu medo de fazer alguma coisa e gostaria de saber como seria o resultado da ação antes mesmo de fazê-la? Será que Camilo já desconfiava de seu futuro?” – ajudaria os alunos a fazerem conexões texto-leitor e a compreenderem o sentimento do personagem diante da possibilidade de a traição ter sido descoberta pelo amigo. Para a conexão texto-mundo, notícias jornalísticas de crimes passionais podem ser um mote a partir do desfecho da narrativa: “Alguém se lembra de alguma notícia recente que dialogue com o que acabamos de ler no conto?”. Essa última pergunta evocaria a

possibilidade de conversar com os estudantes acerca da atualização da obra, que discute tema universal.

A estratégia de visualização ajuda os alunos na formação de imagens mentais que organizam as ideias e criam referências para que a sequência narrativa possa ser compreendida. Leitores proficientes vão imaginando a história enquanto leem, mas o professor não consegue saber se todos os alunos realmente estão criando/imaginando mentalmente o enredo do conto, por isso pode favorecer a visualização ao parar a leitura em voz alta e pedir aos alunos que descrevam como estão “enxergando” cada personagem, cada lugar narrado na história, que cor o cenário possui, que cheiro ele exala, que sentimentos evoca no leitor etc. Três bons momentos para fazer essas pausas e pedir para os alunos se manifestarem oralmente sobre o que visualizam estão: no trecho da primeira parte do conto quando o narrador diz que Camilo queria fugir de Rita, mas já não pode, porque ela o envolveu todo como uma serpente; na a cena da descrição pormenorizada da casa da cartomante e da cartomante, quando Camilo vai à consulta; e na cena final do grito de terror de Camilo.

Além de fazer conexões (que favoreçam a compreensão do texto pela articulação com o que o leitor já conhece) e também diante da visualização (para criar imagens sobre o texto), é muito importante que a estratégia de questionamento esteja presente na aula de leitura. Questionar é dar aos alunos problemas que eles precisam resolver recorrendo ao texto, justificando as respostas, reconhecendo a coerência textual por meio das características de personagens, por meio da sequência de ações etc. As perguntas são feitas enquanto se lê, por isso não há necessidade de ler o texto na íntegra para depois fazer as perguntas, é ideal fazer as perguntas ao longo do caminho para que os alunos aprendam a conversar com o texto, a construir o sentido pela interação. Na primeira parte do conto, enquanto o narrador explica como Rita e Camilo se tornaram amantes, é possível perguntar: “Quais as motivações de Rita e quais as de Camilo para que ambos se envolvessem amorosamente?” ou “Como era a relação entre Rita, Vilela e Camilo?”; na cena em que Camilo está na casa da cartomante é interessante perguntar aos alunos: “Quais foram as etapas da conversa da cartomante com Camilo? O que ela usou para interpretar as reações dele?”. Ainda enquanto se lê, outra possibilidade de utilização de

estratégias, é o trabalho docente com as inferências, a fim de que os alunos façam deduções lógicas a partir de pistas deixadas no texto pelo narrador. Algumas perguntas sugeridas são: “O afastamento de Camilo (em relação a Vilela) após receber cartas intimidadoras provocou ou agravou mais a situação de desconfiança do marido?”; “Vilela sabia mesmo da traição?”; “Camilo no início do texto disse não acreditar em cartomantes, o que o fez mudar de ideia?”.

MOMENTO DEPOIS DA LEITURA:

Após a leitura, as estratégias a serem usadas serão as de sumarização e síntese. Por meio delas, os alunos poderão retomar as partes do texto, uma a uma, para organizá-las num todo significativo (sumarizar), e depois recontar a história com as próprias palavras (síntese), demonstrando como internalizaram o enredo e as interpretações que fizeram do texto. A sumarização pode acontecer com o apoio de um gráfico organizador (uma tabela organizada em, pelo menos, 5 linhas e 2 colunas), a fim de que os alunos, individualmente ou em duplas, encontrem no texto os elementos da narrativa: descrição dos personagens (quem são, como são e o que fazem); partes do enredo (onde está a exposição e que cenas a constituem; onde está a complicação e como ela acontece; qual é o clímax da narrativa e que efeito de tensão provoca no leitor; onde está o desfecho e como está construído no texto); identificação do tempo que dura a narrativa; descrição/apresentação do espaço e do ambiente; atuação do narrador (trechos que mostrem o ponto de vista dele). Os alunos podem usar o gráfico organizador para anotar na segunda coluna as respostas para cada item mencionado anteriormente; já na primeira coluna, estarão os itens, um em cada linha.

Para realizar a atividade de sumarização, o aluno terá de reler o texto e perceberá detalhes que talvez não tenha visto na primeira leitura. Dessa maneira, a socialização das respostas redigidas nos gráficos organizadores é importante para favorecer a interação da turma na construção das ideias. Além disso, permite um trabalho de retomada (ou apresentação) dos elementos da narrativa para a turma. Depois disso, é hora de realizar a síntese, para que cada aluno recontar a história (sem alterar o sentido original), mas

garantindo a interpretação do leitor, seu vocabulário, sua forma de compreender o enredo. Uma atividade de reescrita pode ser promovida mantendo o gênero textual conto ou adaptando para uma história em quadrinhos, por exemplo.

DISCUSSÃO

As Estratégias de Leitura são procedimentos aplicáveis a qualquer situação de leitura ou gênero textual, por isso são relevantes para a elaboração de planos de aula capazes de provocar inspiração a docentes que atuem com leitura literária ou não. O professor de língua materna irá fazer as intervenções necessárias para que as Estratégias sejam uma experiência de ensino enriquecedora para os discentes da escola básica, tornando-os conhecedores de gênero capazes de interpretar informações e integrar contextos. As estratégias aplicadas para o momento antes da leitura ajudam a acionar os saberes dos alunos, ativando sua atenção e interesse para o diálogo que se desenvolverá por meio da linguagem do texto. Elas podem ser feitas de diversas maneiras (trabalho com o título da história, leitura de um trecho inicial da história, pequena dramatização etc.). Já as estratégias nas atividades do durante a leitura visam à criação de modelos dialógicos de leitura, nos quais o docente faça a leitura em voz alta e promova intencionalmente paradas na leitura para estimular por meio de perguntas a utilização de estratégias de conexões, questionamentos, inferências e visualizações pelos alunos. É essencial que o aluno tenha oportunidade de falar, de conversar com o texto, de dar suas ideias e de errar/acertar como um movimento de liberdade e interação. O professor cria um ambiente favorável e intencionalmente ajuda na aprendizagem da leitura com boas perguntas.

O momento depois da leitura visa à releitura do texto e a sistematização de ideias-chave para a construção de um todo significativo, por isso a sumarização e a síntese são utilizadas para garantir objetivo nesse trabalho de ensino, com destaque para o olhar focalizado em aspectos centrais da narrativa e a reorganização do texto com a linguagem do aluno, respectivamente.

A leitura é uma construção, uma ação intencional, pois o sentido do texto não está pronto; ele, na verdade, surge no processo de interação leitor-texto. São os pensamentos,

os conhecimentos e as experiências do leitor em atividade com o texto que darão origem ao sentido textual. Assim, é condição para compreender um texto construir um diálogo com ele, por meio de ativação de conhecimentos prévios; fazendo perguntas ao texto; visualizando cenas e personagens; realizando inferências para compreender o que está implícito; estabelecendo conexões que permitam reconhecer intertextualidades, relações com o cotidiano ou a vida do leitor; sumarizando para encontrar a essência e sequência textual e sintetizando para reconstruir mentalmente o texto e compreendê-lo como um todo significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com contos na escola básica é uma rica oportunidade de desenvolver o Letramento dos alunos, já que a ação de contar histórias, de organizar sequências lógicas, de articular ideias, etc., é necessária à vida cotidiana e precisa ser aprendida na escola. Por isso, é essencial que alunos da licenciatura em Letras aprendam a construir atividades de leitura, para que possam estar, como futuros professores, em condições de ministrar aulas que ajudem a reverter a baixa compreensão textual do brasileiro. Além disso, o ensino de Literatura é responsabilidade da disciplina de Língua Portuguesa na escola básica, portanto, trabalhar com contos ajuda na formação literária do graduando e, conseqüentemente, do aluno da escola básica.

O desenvolvimento do leitor literário não acontece apenas pelo conhecimento do contexto histórico referente às classes literárias, mas sim pelo saber interagir com o universo literário presente nas obras, fazer inferências e captar intertextualidades, amparando-se nos elementos da narrativa e compreendendo o enredo. O trabalho com o conto requer um planejamento de aulas dialógicas que ajudem os alunos da educação básica na ampliação de seu Letramento e aprimore o processo de interação entre aluno e texto, assim se destaca a figura do docente como um sujeito que ajudará na construção do conhecimento ativo/crítico do aluno.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. A Cartomante. São Paulo: O Fiel Carteiro, 2015.

COLOMER, Teresa. Ensinar a ler, ensinar a compreender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Sergio Roberto. Dicionário de gêneros textuais. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CURADO, Odilon Helou Fleury. Linguagem e dialogismo. In: **CECCANTINI**, João Luís. [et al] (Org.). Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação, 2004, p. 19-26.

GANCHO, Candida Vilares. Como Analisar Narrativas. São Paulo: Ática, 1991.

GIROTTO, Cyntia Graziela Simões; **SOUZA**, Renata Junqueira Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: **SOUZA**, Renata Junqueira [et al]. (Org.). Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 45-114.

GOTLIB, Nadia Battella. Teoria do conto. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HARVEY, Stephanie; **GOUDVIS**, Anne. Strategies that work: teaching comprehension to enhance understanding. Portland: Stenhouse Publishers & Pembroke Publishers, 2008.

KOCH, Ingedore. V. Desvendado os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; **ELIAS**, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Ana Maria Martins da Costa; **SOUZA**, Renata Junqueira. Andersen e as estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.